

Patricia Alkolombre*

Desconstruções e transformações da sexualidade: “Ela não é uma mulher de verdade”

Os lugares tradicionais de homens e mulheres, atualmente, manifestam-se transformados em cenários heterossexuais, homossexuais e dentro da diversidade sexual. É uma realidade presente na sociedade que nos leva a pensar nos novos paradigmas a partir de um olhar psicanalítico aberto, e ao mesmo tempo, são mundanças que se traduzem em uma clínica que chega a nossos consultórios.

Vou relatar um extrato de uma entrevista. Recebo, em uma ocasião, um casal que me consulta, quando, perplexos os dois, descobrem que Marcela, a namorada do filho, é Marcelo (um travesti).

A diversidade sexual se manifesta na entrevista. O projeto parental pensado como projeto identificatório, na linha de Piera Aulagnier (1975/2001), não coincide com o esperado.

Os pais relatam que Gustavo está há poucos meses com “Marcela, ou Marcelo”, e contam que foi poucas vezes à casa deles, quase não “a ou o” conhecem. O pai “a” descreve como muito magra. Desde o começo achamos uma dificuldade: como chamá-la? Como mulher, como homem?

Eles contam que ficaram chocados quando souberam que Marcela era um travesti. Mario teve discussões muito violentas com Gustavo nas quais denegria sistematicamente Marcela e afirmava duramente: “ela não é uma mulher de verdade”.

Que significado tem neste contexto ser “uma mulher de verdade”? Já não é suficiente o binarismo no qual coincidem o sexo biológico e a identidade de gênero. A ideia de uma sexualidade baseada na diferença sexual se dilui e se abre à diversidade, a pensar em sexualidades em plural.

Para Mario é um enigma como seu filho está nesta situação e procura vários modos para mudar a escolha de Gustavo. Pergunta se é possível trazê-lo para uma consulta, foi ver um advogado para impedir os encontros.

Neste ponto o caso se relaciona a alguns extratos do artigo de Freud (1920/1975) sobre a jovem homossexual, tanto pela reação de ira do pai como pelo desejo de mudar o objeto do desejo da filha, no caso da jovem homossexual, e, no caso de Mario, o desejo de seu filho, Gustavo. Também, quanto à recomendação técnica que Freud faz sobre estes pedidos de análise, quando no paciente não existe um desejo de ser analisado. Nos dois casos se manifestam a pressão social e os preconceitos: a jovem estava com uma *cocota* (o que irritava e envergonhava a família), e Gustavo com um(a) *travesti*.

O desconforto dos pais é muito significativo na entrevista. Relatam que os problemas não são novos. Verônica afirma que Gustavo sempre gostou mais de “falar com ela” do que com o pai “com quem não se dá muito bem”.

A presença do travestismo tem um efeito de sinistro, algo desconhecido dentro do familiar que irrompe, desmontando a divisão feminino-masculino tradicional e a escolha do objeto sexual que esperavam de Gustavo.

Algumas reflexões

Esta consulta permite ampliar nossa visão sobre o tema e nos deixa pensar no impacto disruptivo que produz o travestismo neste grupo familiar. O desmoronamento dos ideais, os preconceitos e o medo do olhar social. Também se manifestaram os efeitos na contra-transferência em relação ao tema de gênero e à perplexidade parental.

Em Marcela a identidade de gênero não coincide com sua anatomia, e a partir desta condição (nem mulher, nem homem, mas travesti) rompe com a divisão binária conhecida: homem-masculino, mulher-feminina.

As teorias de gênero diferenciam o sexo em sentido anatômico do gênero ou da identidade sexual no sentido social ou psíquico (Bleichmar, 1985/1994). Indalecio Fernández Torres (1994) argumenta que o gênero entra na lógica das permutações e diz que “estamos atados a um real que é o sexo, mas o gênero entra na ordem do imaginário e do simbólico, dentro do permutável” (p. 127).

Neste caso, o permutável é a oscilação Marcela-Marcelo, feminino-masculino. Suas roupas identificatórias criam novas redes de sentido que se estendem ao longo da consulta.

A partir da contra-transferência, esteve presente a posição de neutralidade e abstinência, quanto à demanda dos pais de “normalizar” a Gustavo e de “colocar ordem” na desordem causada pela irrupção do travestismo em suas vidas.

Outro dos temas visíveis, relacionado com o travestismo, é uma questão que está no pano de fundo da consulta, e tem a ver com os destinos da sexualidade de Gustavo: sua masculinidade “ameaçada” no contexto deste grupo familiar; ameaça que Mario entendeu muito bem e tentou eliminar de várias formas, incluindo a violência.

Podemos mencionar um trabalho de Greenson (1968/1995) no qual argumenta que tanto o fetichismo como o travestismo são problemas que afetam principalmente os homens,

do mesmo modo que a transexualidade. O autor afirma que para os homens sua masculinidade é mais duvidosa que a feminilidade para as mulheres, e que esta insegurança vem da identificação precoce do menino com a mãe; ao mesmo tempo declara que: “a habilidade do menino para se des-identificar [da mãe] vai determinar o sucesso ou fracasso na subseqüente identificação com o pai” (p. 221).

Ao longo da entrevista, o cuidado em evitar uma desaprovação ou aprovação implícita ou explícita com respeito às atitudes dos pais de Gustavo sempre esteve presente; temas relacionados com os ideais de gênero (o que se espera de um homem e de uma mulher) que vão além das regras de abstinência e neutralidade, e se manifestam nas ocorrências contra-transferenciais, reações e afetos em jogo (Alkolombre, 2003, 2004)

Eva Lester (1990) afirma, seguindo a linha de Deaux, que os preconceitos de gênero (os que estão em primeiro plano nesta consulta) são dominantes, como todos os estereótipos, e podem ser usados com propósitos defensivos e, por conseguinte, introduzem algumas limitações no processo analítico.

Ficam abertas muitas questões que formam a base desta consulta na qual a sexualidade, o gênero e a parentalidade estão em conflito.

Referências

- Alkolombre, P. (2003). Sexualidad y género en el vínculo analítico. *Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, 29, 85-113.
- Alkolombre, P. (2004). Reflexiones sobre contra-transferencia y género. *Revista de Psicoanálisis*, 61(1), 255-265.
- Aulagnier, P. (2001). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Bleichmar, E. (1994). *El feminismo espontáneo de la histeria*. México: Fontamara. (Trabalho original publicado em 1985).
- Fernández Torres, I. (1994). El género del analista y su efecto en el proceso. *Trópicos*, 1-2.
- Freud, S. (1975). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 137-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Greenson, R. (1995). Desidentificarse de la madre, su especial importancia en el hijo varón. *Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, 21, 221-229. (Trabalho original publicado em 1968).
- Lester, E. (1990). *Problemas de género e identidad en el proceso analítico*. Buenos Aires: Livro Anual de Psicanálise.

* Asociación Psicoanalítica Argentina.